

ORAÇÃO EXISTENCIAL À LUZ DO FUNCIONALISMO CLÁSSICO

Lucas Alves Costa

Universidade Eduardo Mondlane

(lucas.alves.77@gmail.com)

Resumo

A oração existencial, com os verbos *ter*, *haver* e *existir*, tem traços morfossintáticos, semânticos e discursivos específicos na língua portuguesa. Objetiva-se realizar uma pesquisa bibliográfica de alguns conceitos do Funcionalismo Clássico, como valência, transitividade, detransitividade, impessoalidade, definitude e indefinitude, para analisar essa oração. Para tanto, fundamenta-se nos trabalhos de Dik (1989), Givón (1979, 1995), Halliday (1973), Hopper e Thompson (1980), Hopper (1987) e outros. Os dados de língua em uso foram depreendidos de uma amostra do *Corpus* Português *NOW*. Constatou-se que os conceitos do Funcionalismo Clássico são eficientes para a análise da oração existencial, pois fornecem, principalmente, uma visão contínua do fenômeno linguístico e uma abordagem integral dos componentes gramaticais.

Palavras-chave: Funcionalismo Clássico; Oração Existencial; Língua Portuguesa.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Lucas Alves Costa

Doutor em Letras e Linguísticas pela Universidade Federal de Goiás com período na Università del Salento (Itália). Mestre em Letras e Linguística. Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela UFG. Atualmente, professor-leitor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). Com pesquisas nas áreas de Teoria e Análise Linguística, Linguística Cognitivo-Funcional, Gramática Funcional da Língua Portuguesa e Literatura e Outras Artes.



lattes.cnpq.br/5146425681841166



orcid.org/0000-0003-4139-2031

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

ORAÇÃO EXISTENCIAL À LUZ DO FUNCIONALISMO CLÁSSICO

Lucas Alves Costa

Universidade Eduardo Mondlane

lucas.alves.77@gmail.com

PALAVRAS INICIAIS

As orações “*Tem gente perdida na rua*” e “*Há coisas demais na loja*”¹ têm a acepção de existência e características morfossintáticas específicas, como: posição inicial do verbo em terceira pessoa do singular, sem sujeito gramatical e a expressão locativa. Esse fenômeno, na Linguística Moderna, é chamado de oração existencial. Para Costa (2018; 2022), no português, os verbos *ter*, *haver* e *existir* são os mais recorrentes nesse tipo de oração. Além disso, essa oração acopla outros fenômenos linguísticos como a impessoalidade, a definitude e indefinitude do sintagma nominal.

Para Borba (1996, p. 21), há um consenso, na Linguística Moderna, sobre existência da estrutura sintática na frase e que sua projeção se faz a partir de informações lexicais de seus elementos. Nesse sentido, o autor considera o verbo como principal predicador na língua portuguesa, porque designa propriedades ou relações e seleciona um certo número de termos (argumentos) que se referem às entidades do mundo.

Chafe (1979, p. 25) afirma que o universo conceptual humano é dividido em duas grandes áreas: do verbo e do nome. Para o autor, o verbo é central e compreende estados (condições, qualidades) e eventos; o nome é periférico e compreende “coisas” (objetos físicos e abstrações coisificadas). Com isso, para esse estudioso, as análises e descrições de orações partem do verbo predicador como constituinte oracional básico.

Entretanto, na oração existencial, não há um predicador, pois o verbo não seleciona argumento. Por isso, segundo Costa (2018; 2022), esse fenômeno linguístico precisa ser analisado e descrito como uma estrutura funcional e discursiva na gramática da língua, visto que todos os seus elementos, estratos semântico-sintáticos e pragmático-discursivos, constituem essa oração.

¹ Todos os exemplos utilizados neste trabalho foram depreendidos de uma lista com mais de 7 mil textos do *Corpus Português NOW* feita exclusivamente para este estudo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Diante disso, para a análise da oração existencial na língua portuguesa, mobilizamos conceitos do Funcionalismo Clássico. Por *Funcionalismo*, entendemos as abordagens sobre a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação comunicativa, sendo a língua maleável e adaptável às necessidades situacionais (HALLIDAY, 1973; GIVÓN, 1979). Assim, as análises e descrições linguísticas, nessa perspectiva, partem do princípio da integração dos componentes gramaticais, sendo a gramática emergente do uso efetivo da língua pelos seus usuários (HOPPER, 1987; DIK, 1989).

Por *Clássico*, consideramos os trabalhos científicos iniciais desenvolvidos na Costa-Oeste dos Estados Unidos a partir da década de 1970, principalmente os trabalhos de Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón e outros; e na Europa os trabalhos de Halliday (1973) e Dik (1989). No Brasil, o funcionalismo é expoente em vários trabalhos, destacam-se, principalmente, os de Neves (2008; 2011; 2012) e de Castilho (2014).

Com isso, o objetivo deste estudo é descrever e analisar a oração existencial na língua portuguesa a partir de alguns conceitos desse paradigma linguístico. Essa proposta baseia-se no fato de que a língua não pode ser analisada como um sistema autônomo. Então, o principal interesse de um estudo funcionalista está nos processos relacionados ao eixo dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas (DIK, 1989, p. 46).

Metodologicamente, os dados de língua natural foram depreendidos de uma amostra do *Corpus Português NOW*²(Notícias na *Web*). Esse corpus contém cerca de 1,1 bilhão de palavras de jornais e de revistas da *web* de quatro países de língua portuguesa no período de 2012 a 2019. Os métodos para localização dos dados foram: (1) a inserção das palavras *tem*, *há* e *existe* no campo “*List*” do *site*; (2) e a busca automática no banco de dados. A partir disso, selecionamos 7 mil porções de textos, que gerou uma lista de exemplos da oração supracitada.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: na segunda seção, discutimos alguns conceitos do Funcionalismo Clássico, como valência, transitividade, detransitividade, impessoalidade, definitude, indefinitude, a função da expressão locativa e temporal, e os articulamos à descrição e análise da oração existencial na língua portuguesa. E, por fim, as considerações desse estudo.

² Disponível em: corpusdoportugues.org/now. Acesso em: 06 mar. 2023.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

FUNCIONALISMO CLÁSSICO E A ORAÇÃO EXISTENCIAL

Na teoria da valência, investiga-se a centralidade do verbo como predicador por excelência nas línguas, pois ele designa propriedades ou relações que estão na base da predicação oracional. Segundo Tesnière (1969, p. 16), o verbo abre determinados números de slots, seleciona os argumentos para preenchê-los e estabelece relações de dependência com seus actantes. Isso constitui uma rede de relações entre o verbo e seus complementos. Para o autor, o verbo é o núcleo da oração. No Brasil, os trabalhos de Borba (1990; 1996) aplicam a teoria da valência verbal ao português brasileiro.

Por outro lado, na perspectiva funcional, a transitividade delinea o *status* semântico-sintático da oração como um todo (HOPPER; THOMPSON, 1980, p. 38). Ela é um fenômeno linguístico complexo, que se desdobra em um continuum gradiente. Nessa perspectiva, a transitividade ocorre em várias nuances da oração, não exclusivamente no verbo. Para compreendê-la, Hopper e Thompson (1980, p. 40) propõem estes traços:

Quadro 1: Traços da transitividade oracional

Traços	Transitividade alta	Transitividade baixa
Participante	Dois ou mais	Um
Cinese	ação	não ação
Aspecto do verbo	perfectivo	não perfectivo
Punctualidade do verbo	punctual	não punctual
Intencionalidade do sujeito	intencional	não intencional
Polaridade da oração	afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
Agentividade do sujeito	agentivo	não agentivo
Afetamento do objeto	afetado	não afetado
Individuação do sujeito	individuído	não individuído

Fonte: Adaptado de Hopper e Thompson (1980, p. 43)

Nesse sentido, segundo Hopper e Thompson (1980, p. 45), cada traço da transitividade envolve facetas diferentes de efetivação ou de intensidade com que a ação é transferida de um participante a outro. Além disso, esses traços oscilam em uma escala de transitividade. Então, a oração pode ter uma transitividade alta até uma transitividade baixa (detransitividade). De acordo com Halliday (1973, p. 52), transitividade é um sistema de relação entre os componentes oracionais que reflete, de certo modo, a maneira como o falante expressa sua experiência no mundo (metafunção experiencial).

Por exemplo, na oração “*O professor guardou o livro na biblioteca*”, há ação dinâmica, perfectiva (ação completa), punctual (ação não durativa), afirmativa, modo *realis* (modo indicativo) e dois participantes: “*o professor*” e “*o livro*”. O sujeito da oração, “*o*

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

professor”, é agente, e o objeto, “*o livro*”, é afetado pela ação intencional do sujeito. Esse é um exemplo com traços de transitividade alta.

Entretanto, Hopper e Thompson (1980, p. 56) afirmam que pode ocorrer um decréscimo gradiente dos traços que definem a transitividade alta. Por exemplo, na oração “*O professor caiu na sala*” há uma ação dinâmica, perfectiva, não intencional, afirmativa, modo *realis*, não agentiva, com um participante. Assim, nessa oração, há traços de transitividade alta, porém prevalecem nela traços de transitividade baixa. Isso demonstra o decréscimo da gradação da transitividade.

Castilho (2014, p. 396) afirma que a transitividade é, sem dúvida, a propriedade gramatical mais importante da oração. Para o autor, a transitividade atua por toda a gramática da língua, sendo responsável pela estruturação da sentença. Logo, a transitividade e detransitivização são definidores da natureza funcional do verbo na constituição oracional.

De acordo com Perini (2008, p. 105), no português, há verbos monoargumentais, biargumentais e triargumentais quanto à valência verbal. Isso significa que cada um desses tipos abre um número determinado de slots a serem preenchidos por argumentos. Segundo Neves (2011, p. 38), os verbos monoargumentais, semanticamente, indicam algum tipo de movimento do corpo animado, processos e entrada ou saída de cena. A valência verbal oscila dependendo do grau de transitividade e de detransitividade das orações. Em um *continuum* temos:

+ Transitivo		+ Detransitivo
Verbo Triargumental	Verbo Biargumental	Verbo Monoargumental

Nessa escala, os tipos de verbos (valência) aparecem no *continuum* mais transitividade para mais detransitividade da oração. Para Neves (2011, p. 104), a seleção de argumentos pelo predicador envolve aspectos semânticos, pois os argumentos cumprem um papel temático, que corresponde ao estatuto semântico do verbo. Por exemplo, o verbo pleno “*cortar*” é biargumental, seleciona dois argumentos. O argumento um, sujeito, tende a ser mais animado, mais dinâmico, mais agentivo; e o argumento dois, objeto, tende a ser mais afetamento. Para Neves (2011, p. 105), a seleção verbal (valência) não é aleatória, mas segue a transitividade da oração.

No grupo dos verbos monoargumentais, há o subgrupo dos ergativos (CASTILHO, 2014, p. 347). Verbos ergativos caracterizam-se pelo alinhamento formal entre o sujeito intransitivo e o objeto transitivo. Perini (2008, p. 58) considera que os verbos ergativos têm um sujeito paciente. Por exemplo, “*Parece que esse carro nunca lavou*” e “*O tanque encheu*”. Para o autor, os verbos plenos “*lavar*” e “*encher*” são biargumentais, porém, nessas orações,

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

eles são ergativos. Na segunda oração, o sujeito “o tanque” torna-se paciente afetado em uma ação menos dinâmica, não punctual, não agentiva e não intencional.

A partir disso, a hipótese é que os verbos existenciais estariam no subgrupo de ergativo, pois as orações existenciais são menos agentivas, menos dinâmicas, menos afetadas, menos intencionais etc. Esses verbos têm características distintas dos verbos ergativos, pois o sintagma nominal posposto a ele não é o sujeito da oração e sem traços de paciente afetado. Além disso, nas existenciais, os verbos recebem de modo pertinaz a flexão de terceira pessoa do singular, como nestes exemplos:

(1) *Para a atual consultora do Banco Central são-tomense, no seu país "há uma situação relativamente estável depois das eleições". São Tomé e Príncipe "decidiu seguir o exemplo de Portugal para constituir a sua geringonça" (Corpus Português NOW).*

(2) *"Tem uma mancha branca perto da barbatana dorsal, que apresenta um alto, que poderá ser uma cicatriz, poderá ser de algo que levou ao estado em que ele está", afirmou Marina Sequeira (Corpus Português NOW).*

Costa (2018, p. 27) afirma que os verbos ter e haver são os verbos mais frequentes nas orações existenciais na língua portuguesa. A partir disso, propõe-se um contínuo para os verbos a partir das noções de transitividade, detransitividade e de valência verbal. Assim, temos este *continuum*:

+ Transitivo +Detransitivo
 Verbo triargumental > biargumental > monoargumental > ergativo > Verbo existencial

Os verbos monoargumentais selecionam um argumento, sujeito da oração, um participante em uma ação menos dinâmica, mais ou menos perfectiva, não punctual, intencional, agentivo, modo *realis*, não afetamento. Os verbos ergativos selecionam um argumento, sujeito da oração, um participante em uma ação menos dinâmica, mais ou menos perfectiva, não punctual, menos intencionalidade, modo *realis* e mais ou menos afetamento. Os verbos existenciais se diferenciam desses dois tipos porque, na oração, eles são sem dinâmica, menos perfectivo, não punctual, não intencional, não agentivo, modo *realis* e não afetamento. Contrastam-se, nestes exemplos, esses três tipos respectivamente.

(3) *Stephen Kiprotich, atual campeão olímpico, corre em Nova York e caso vença, será o campeão de o biênio 2012/2013 (Corpus Português NOW).*

(4) *Açucena recobra a consciência depois que se acidentou (Corpus Português NOW).*

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

(5) “Neste momento, **tem várias equipes** chegando, então, precisamos manter o nosso nível para continuar na parte de cima da tabela”, afirmou o volante José Welison (Corpus Português NOW).

O exemplo (3) é monoargumental; o (4) é ergativo; e (5) é existencial. Em (3), o verbo “*correr*” seleciona um argumento, sujeito da oração, com acepção de atividade do corpo, por isso monoargumental (NEVES, 2012, p. 53). Em (4), o verbo “*acidentar*” seleciona um argumento, “*Açucena*” (pronomes clíticos “*se*”), com função de sujeito e paciente afetado, por isso ergativo (PERINI, 2008, p. 153). Em (5), o verbo “*ter*” não seleciona argumento, por isso, existencial (CASTILHO, 2014, p. 341). Essas orações têm traços de detransitivas, porém a existencial tem configurações morfossintáticas, semânticas e discursivas específicas na gramática da língua portuguesa.

Givón (1995, p. 48) e Costa (2018, p. 28) afirmam que as orações existenciais inserem uma entidade na sequência enunciativa. Para Castilho (2014, p. 342), elas respondem às perguntas “quem é X?”, “o que é X?” e introduzem no discurso um tópico novo. Portanto, as propriedades para essas orações são:

- (1) Detransitiva: menos participante, menos dinâmica, perfectiva, pontual, não intencional, modo *realis*, não agentiva, não afetamento, não individuação;
- (2) Verbo em posição inicial com flexão de terceira pessoa do singular e sintagma nominal sempre posposto, em geral, indefinido;
- (3) Geralmente, a presença de expressão locativa ou temporal.

Além dessas propriedades semântico-sintáticas, nas orações existenciais há outros fenômenos pragmáticos e discursivos: a impessoalidade, por exemplo. Para Castilho (2014, p. 343), esse fenômeno faz parte da categoria “pessoa” e sua representação aparece nos níveis do discurso, da semântica, vocabular e gramatical. Na oração existencial, a categoria número-pessoa manifesta-se na flexão verbal. No exemplo, “*Tem um jeito novo de fazer mudança*”, o verbo “*ter*” está na terceira pessoa do singular, impessoal.

Franchi, Negrão e Viotti (1998) discutem as estratégias de impessoalidade no português brasileiro. Para as autoras, essas estratégias ocorrem em contínuo, que vai de orações transitivo-ativas, com agente-controlador (sujeito), até orações detransitiva-impessoais, sem agente-controlador (sem sujeito). Por exemplo, orações que expressam condições meteorológicas, “*Chove muito aqui em São Paulo*” e “*Ventou durante o jogo*”, e orações existenciais, “*Há vagas de emprego*” e “*Tem uma pedra no caminho*”. Essas seriam detransitivas, sem agente-controlador, logo, mais impessoais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim, entre os polos mais transitivo e mais detransitivo, há uma variedade de orações, que vão de mais pessoais (com agentivo-controlador) para mais impessoais (sem agentivo-controlador). As orações existenciais são mais impessoais e mais detransitivas. Consequentemente, o verbo existencial recebe, morfologicamente, a flexão de terceira pessoa do singular, conforme Castilho (2014, p. 245), marca zero de sufixo número-pessoa.

Do ponto de vista discursivo, Oliveira (2005, p. 23) afirma que uma forma impessoal se caracteriza, principalmente, pelo fato de não situar seres específicos no mundo biossocial, pois a terceira pessoa equivale a “qualquer um”. Nos parâmetros de Hopper e Thompson (1980, p. 81), em uma oração existencial, há traços de participante não individuado, comum, não animado, abstrato, plural e massivo, como neste exemplo:

(6) *Hoje tem criança que se afoga dentro de aquário, balde, precisamos em os prevenir, a gente não sabe o dia de amanhã — concluiu George. (Corpus Português NOW).*

Nas orações existenciais, o núcleo informativo é o sintagma nominal, participante único, em geral, genérico. Segundo Costa (2022, p. 59), esse sintagma é posposto ao verbo com uma expressão de definitude ou de indefinitude. Nas lições de Castilho (2014, p. 63), o sintagma nominal no nível semântico tem a função designadora, e no nível pragmático envolve a classe dos dêiticos/fórica/substituidora. Desse modo, há, nessas orações, especificadores juntos ao sintagma nominal. Esses elementos têm um ordenamento anteposto ao núcleo informativo.

Por exemplo, na oração “*Tem uma mulher no meio da rua*”, o sintagma nominal é “*mulher*”, um substantivo posposto ao verbo existencial. Nesse exemplo, o especificador, artigo indefinido “*uma*”, está anteposto ao núcleo informativo. Costa (2018, p. 25) afirma que, nas orações existenciais, o sintagma nominal, em geral, é indefinido, pois o núcleo apresenta uma carga semântica baixa, genérica, com pouca referencialidade, com acepções de “coisa”, “pessoas”, “jeito”, etc.

No exemplo “*Há a cidade ideal no catálogo*”, a presença do artigo definido “*a*” anteposto ao sintagma nominal é pouco recorrente nas orações existenciais (VIOTTI, 2002, p. 38). Segundo Franchi, Negrão e Viotti (1998, p. 45), 37% das orações existenciais, no português brasileiro, têm um artigo indefinido em posição anteposta ao sintagma nominal.

Costa (2022, p. 72) considera que a definitude e a indefinitude oscilam nas existenciais. Para o autor, nessas orações, a tendência é a presença de sintagmas nominais com acepção mais genérica, pois o falante demonstra um conhecimento impreciso da informação inserida. Nesse sentido, para Hawkins (1978, p. 63), nas existenciais, o uso do

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

artigo definido é licenciado quando houver um conjunto de conhecimento compartilhado entre interlocutores.

Com isso, a referencialidade do sintagma nominal possibilita aos interlocutores o acesso ao conhecimento compartilhado no momento da sociointeração. Desse modo, nas existenciais, artigo definido ou indefinido assevera o conhecimento sobre a entidade inserida (MILSARK, 1979; ENÇ, 1991). Então, as orações existenciais estabelecem a acepção de existência pela inserção de uma entidade no discurso, e essa inserção pauta-se na epistemologia dos interlocutores na situação sociocomunicativa.

Sobre esse ponto, Halliday (1973, p. 114) considera o caráter informacional essencial para a linguagem, pois qualquer oração se constitui pelo teor informativo. Isso se dá pela manutenção do tema-rema como função textual. Desse modo, a função textual-pragmática das orações existenciais está na inserção de um referente no discurso, pois ela garante a manutenção da progressão textual pelos processos de referenciação e de remissão.

Com isso, a definitude ou indefinitude, nas orações existenciais, funciona no plano textual-discursivo, que viabiliza duas ações na sociocomunicação: (1) o locutor insere partes de seu universo de conhecimento por via de alguma entidade ou estado de coisa; (2) o interlocutor interpreta a referencialidade do objeto inserido de maneira a admiti-la ou não em seu universo epistemológico. Assim, as orações existenciais trazem instruções de como o interlocutor pode interpretar a informação no enunciado de modo genérico ou específico.

Ademais, como aponta Hetzron (1975, p. 72), a oração existencial carrega a informação sobre a entidade inserida. Desse modo, o seu grau de informatividade é estabelecido pelos itens linguísticos (verbo, sintagma nominal e expressão locativa ou temporal) integralizados em uma sequência enunciativa.

Givón (1979; 1983) considera a informatividade intimamente ligada às noções de previsibilidade e de pressuposionalidade (conhecimento compartilhado). Para o autor (1979, p. 205), uma informação é mais previsível porque tem alto grau de pressuposições. Logo, uma oração pode ser interpretada pelos interlocutores mais facilmente se ela tem alto grau de pressuposionalidade, como neste exemplo:

(7) *Ela relata que o banco foi retirado de um espaço que fica atrás do hospital: "Tem um espaço no pátio e tem uns bancos de madeira. Aí a enfermeira com um bom coração, pegou um banco e colocou minha filha " (Corpus Português NOW).*

No exemplo (7), o núcleo informativo “*espaço*” é antecedido pelo artigo “*um*”. O falante instrui o ouvinte para interpretar a acepção semântica “*espaço*” de maneira genérica.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Isso pode indicar que o falante não conhece o nome do local ou por julgar não ter relevância para a informação com um todo. Na mesma porção textual, na oração em sequência, o núcleo informativo é inserido de maneira pluralizada, “bancos”, antecedido pelo artigo “uns”, porém o núcleo informativo torna-se a temática do texto. Assim, a pressuposição é o estio para a interpretação das orações existenciais, pois o falante, ao inserir um núcleo informativo, pressupõe e convoca o ouvinte para compartilhar seus conhecimentos de mundo.

A função pragmático-discursiva das orações existenciais é instruir o interlocutor, porque o locutor leva em consideração os conhecimentos compartilhados com o interlocutor na sociocomunicação. Para Givón (1979, p. 58), as existenciais são orações especiais, nas línguas em geral, pois elas criam expectativas na sociointeração, e o núcleo informativo tem a tendência a ser uma novidade na sequência enunciativa. Textualmente, esse núcleo é resgatado anaforicamente na porção textual, como neste exemplo:

(8) *Há um conjunto de recursos que os países de a CPLP têm e que outros países não têm. O mais importante é a água doce. Temos 16, 5% das reservas mundiais de água doce, para uma população de 3,8% da população mundial. Outra enorme potencialidade econômica está nas plataformas marítimas continentais e as respectivas Zonas Econômicas Exclusivas. Isto porque nenhum país de a CPLP é interior, todos têm costa marítima, o que decorre da forma como os portugueses fizeram os descobrimentos marítimos e a colonização. Isto traz vantagens para a pesca, mas também para a exploração de todos os recursos biológicos e minerais marinhos. (Corpus Português NOW).*

No exemplo (8), o núcleo informativo “um conjunto de recursos” é inserido no texto. Na sequência textual, essa informação é desenvolvida de maneira a especificar a informação genérica do núcleo informativo. Com isso, “um conjunto de recursos” passa a ser “água doce e extensão marítima”. Desse modo, a progressão textual, com a inserção de informação nova, estabelece relações de sentido com os conhecimentos prévios do interlocutor e com as sequências do próprio texto, fornecendo informação interligadas (NEVES, 2008, p. 47). Segundo Costa (2022, p. 39), isso explica o fato de as orações existenciais ocorrerem frequentemente no início de textos, tornando-as um recurso textual que ancora conteúdo.

Além do mais, as orações existenciais têm, em geral, a presença de uma expressão locativa ou temporal. Para Dik (1989, p. 213) e Neves (2008, p. 55), um estado de coisas ocorre em algum mundo real ou mental. Por isso, na camada da predicação, um enunciado é estacionado no espaço e no tempo. No português, a noção de tempo expressa-se gramaticalmente (desinências verbais) ou lexicalmente; e a de espaço expressa-se somente lexicalmente (NEVES, 2011, p. 73).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Costa (2022, p. 83) considera que nas orações existenciais essas noções ocorrem explicitamente por meio de advérbios. Segundo Dik (1989, p. 158), do ponto de vista sintático, os advérbios funcionam como satélites de um núcleo predicativo. Para o autor, há, na classe os advérbios, os não modificadores, que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem. Quando eles não operam no valor de verdade da oração, assumem a função de circunstanciais de lugar ou de tempo, respondendo às perguntas: onde?, quando?.

Em relação às orações existenciais, a expressão locativo-temporal opera, semanticamente, no plano das dêixis. Para Castilho (2014, p. 342), o caráter dêitico dessas expressões predispõe uma linha tênue entre os eixos de lugar e a gradualidade de tempo.

(1) Dêiticos de lugar:

Eixo horizontal: *antes, durante, depois.*

Eixo vertical: *em cima, embaixo.*

Eixo transversal: *atrás, à frente, ante, diante.*

Eixo distal: *lá, longe, distante, remoto.*

Eixo proximal: *aqui, perto, próximo.*

(2) Dêiticos de tempo:

Presente: *agora, hoje, atualmente.*

Passado: *ontem, anteriormente, antigamente.*

Futuro: *amanhã, futuramente.*

Marcações imprecisas de tempo: *cedo, tarde, hoje cedo.*

Marcações sem especificação de tempo: *então, já, ainda.*

Nos exemplos, “*Tem gente morando do outro lado do bairro*” e “*Existe tanta coisa nessa loja*”, há, no primeiro, o eixo distal; e, no segundo, o eixo proximal. As expressões locativas contribuem para a acepção de existência. Para Lyons (1977, p. 59), essas expressões demonstram uma vinculação entre a acepção de existência e as noções de espaço e de tempo. Isso porque a interpretação de que algo existe ou não existe requer que essas noções sejam pressupostas pelos interlocutores na sociocomunicação.

Segundo García (1996, p. 117), as noções de local e de tempo correspondem ao fundo secundário de uma oração. Para o autor, esse fundo representa uma opção no enunciado. Todavia, elas explícitas aumentam o grau de informatividade da oração. Logo, por mais que não sejam exigidas sintaticamente, sempre restauram informações contextuais.

Portanto, o Funcionalismo Clássico oferece conceitos eficientes para uma visão integral da oração existencial na língua portuguesa. Os princípios da integração dos componentes gramaticais e da emergência da gramática a partir do uso da língua pelos seus usuários favorecem uma análise e descrição mais holísticas dos fatos da língua. Desse modo, reforça-se a importância de revisitar autores clássicos dos paradigmas linguísticos e mobilizá-los para os estudos de fatos gramaticais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

PALAVRAS FINAIS

Neste trabalho, elencamos conceitos do Funcionalismo Clássico e os aplicamos no estudo da oração existencial na língua portuguesa. Por via dos conceitos de transitividade, detransitividade, impessoalidade, definitude ou indefinitude e da função da expressão locativa ou temporal foi possível verificar integralmente essa oração, em suas particularidades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas.

Há, no Brasil, ainda poucos estudos sobre a oração existencial em perspectiva funcional (COSTA, 2022, p. 121). A gramática tradicional, que prescreve usos da gramática, trata essa oração como exclusivamente sintática, chamando-a de “orações sem sujeito”. Nessa gramática, o sintagma nominal é um objeto direto, que controla a concordância do verbo, pois esse elemento é “aquilo que está sendo dito” (BECHARA, 2006, p. 153). Segundo Costa (2022, p. 86), a abordagem tradicional reduz esse fenômeno linguístico, pois não o trata de maneira integral, isto é, como uma estrutura primordialmente funcional e discursiva na gramática da língua.

O trabalho de Costa (2018) apresenta uma revisão da literatura sobre a construção existencial no português brasileiro. Ele descreve e analisa essa construção em dados de fala, prioritariamente de corpora do português brasileiro. Costa (2022) parte das considerações de Costa (2018) e investiga a construção existencial a partir da seleção de princípios e pressupostos da abordagem construcional da gramática, pois ele defende que esse fenômeno é um nó na rede construcional do português.

Os *corpora* deste trabalho são numericamente mais expressivos e abarcam uma amostragem das variedades do português (brasileiro, europeu e africano). Além disso, este trabalho descreve e analisa os traços dessa construção e sua rede taxonômica. Ademais, neste trabalho, há uma pesquisa bibliográfica sobre as características interlinguísticas desse fenômeno no alemão, catalão, espanhol, estoniano, finlandês, francês, grego, inglês, italiano, kannada, kiowa maori, nheengatu, pingelapesa, suaíli, tapirapé e turco, em contraste com a língua portuguesa.

O presente estudo alinha-se a esses trabalhos e encaminha para pesquisas prospectivas sobre a oração existencial, que conciliem procedimentos teórico-metodológicos funcionalistas as situações de ensino-aprendizagem de língua. Situações de ensino-aprendizagem que destaquem as funções pragmático-discursivas dessa oração em gêneros textuais diversos, e que subvertam, de uma vez por todas, os receituários reducionistas sobre o uso dessa construção.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.
- BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, L. A. **Construção Existencial no português brasileiro**. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Faculdade de Letras/UFG. Goiânia, 2018.
- COSTA, L. A. **A construção existencial no português**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2022.
- CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.
- DIK, S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publications, 1989.
- ENÇ, M. **The semantics of specificity**. *Linguistic Inquiry*, pp. 22. 1-25, 1991.
- FRANCHI, C., NEGRÃO, E. & VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/Haver. **DELTA**, v. 14, número especial, pp. 105-131, 1998.
- GARCÍA, Á. L. Lingüística topológica y percepción visual. **Glosa: Anuario del departamento de filología española y sus didácticas**, n. 3, pp. 11-23, 1992.
- GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. Nova York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. **Explorations in the Functions of Language**. London: Edward Arnold, 1973.
- HAWKINS, J. Definiteness, and indefiniteness. A Study in reference and grammaticality prediction. **Linguistic Investigations**, v. 11, n. 2, pp. 414-423, 1978.
- HETZRON, R. **The Presentative Movement, or Why the Ideal Word Order is V. S. O. P. / Word Order and Word Order Change**. Austin: University of Texas Press, 1975.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

- HOPPER, P. Emergent Grammar. Berkeley. **Linguistics Society**, v. 13, pp. 139-157, 1987.
- HOPPER, P; THOPSON, S. Transitivity in Grammar, and Discourse. **Language**, n. 56, pp. 251-299, 1980.
- LYONS, J. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MILSARK, G. L. Existential Sentences. In: **English**. New York & London: Garland, 1979.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo, conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola, 2012.
- NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, A. B. A. **A referência estendida em textos jornalísticos de natureza argumentativa**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado em Linguística, 2005.
- PERINI, M. A. **Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008.
- TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1969.
- VIOTTI, E. A estrutura sintática das sentenças existenciais e o efeito de definitude: semelhanças e diferenças entre o inglês e o português do Brasil. **Letras**, v. 58, pp. 123-156, 2002.

Recebido em: 12/04/2024

Aceito em: 02/05/2024

Publicado em: 30/09/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

EXISTENTIAL CLAUSE IN LIGHT OF CLASSICAL FUNCTIONALISM

Lucas Alves Costa

Universidade Eduardo Mondlane

(lucas.alves.77@gmail.com)

ABSTRACT

The existential clause in Portuguese, using the verbs *ter*, *haver*, and *existir*, has specific morphosyntactic, semantic, and discursive features. This study aims to conduct a bibliographical review of key concepts in Classical Functionalism, such as valency, transitivity, detransitivity, impersonality, definiteness, and indefiniteness, to analyze these constructions. The analysis is grounded in the works of Dik (1989), Givón (1979, 1995), Halliday (1973), Hopper and Thompson (1980), Hopper (1987), among others. Language-in-use data were derived from a sample of the Portuguese *NOW Corpus*. The findings suggest that Classical Functionalism concepts are effective for analyzing existential sentences, as they primarily offer a continuous view of linguistic phenomena and a comprehensive approach to grammatical components.

Keywords: Classical functionalism; Existential clause; Portuguese.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

ORACIÓN EXISTENCIAL A LA LUZ DEL FUNCIONALISMO CLÁSICO

Lucas Alves Costa

Universidade Eduardo Mondlane

(lucas.alves.77@gmail.com)

RESUMEN

La oración existencial, con los verbos *ter*, *haver* y *existir*, presenta rasgos morfosintácticos, semánticos y discursivos específicos en la lengua portuguesa. El objetivo es realizar una investigación bibliográfica sobre algunos conceptos del Funcionalismo Clásico, como valencia, transitividad, detransitividad, impersonalidad, definitud e indefinición, para analizar esta oración. Para ello se basa en los trabajos de Dik (1989), Givón (1979, 1995), Halliday (1973), Hopper y Thompson (1980), Hopper (1987) y otros. Los datos de uso del idioma se derivaron de una muestra del corpus NOW portugués. Se encontró que los conceptos del Funcionalismo Clásico son útiles para el análisis de la oración existencial, pues brindan principalmente una visión continua del fenómeno lingüístico y un abordaje integral de los componentes gramaticales.

Palabras-clave: Funcionalismo Clásico; Oración Existencial; Lengua portuguesa.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------